

ESCOLAS SUSTENTÁVEIS EM LUGARES DE CRISE:

Educação para a paz, resiliência e ecologia integral

Paulo Sergio de Sena¹

Ir. Silvana Soares²

RESUMO

Diante de conflitos armados, crises socioambientais e desigualdades estruturais, este artigo propõe a implementação de escolas sustentáveis como estratégia educativa para a promoção da paz, da resiliência e da justiça socioambiental. A partir de uma abordagem inter e transdisciplinar, ancorada nos princípios da ecologia integral, da pedagogia crítica freiriana e da tradição Salesiana, o texto defende que essas escolas atuem como ecossistemas formativos capazes de regenerar comunidades afetadas pela violência. São discutidos componentes curriculares orientados por valores como empatia, inclusão, sustentabilidade e cidadania planetária, com destaque para práticas pedagógicas inovadoras, projetos interinstitucionais e o protagonismo juvenil. Com base em experiências internacionais e nacionais, o artigo evidencia o potencial transformador da educação em contextos de adversidade. Ao final, propõe-se uma visão ampliada de escola sustentável como território de esperança ativa, reconstrução ética e compromisso com a dignidade humana e o cuidado com a Casa Comum.

Palavras-chave: educação para a paz; escolas sustentáveis; conflitos armados; ecologia integral; resiliência comunitária.

SUSTAINABLE SCHOOLS IN CRISIS SETTINGS:

Education for peace, resilience, and integral ecology

ABSTRACT

In the face of armed conflicts, socio-environmental crises, and structural inequalities, this article proposes the implementation of sustainable schools as an educational strategy for promoting peace, resilience, and socio-environmental justice. Based on an inter- and transdisciplinary approach grounded in the principles of integral ecology, Freirean critical pedagogy, and the Salesian tradition, the text argues that these schools function as formative ecosystems capable of regenerating communities affected by violence. It discusses curricular components guided by values such as empathy, inclusion, sustainability, and planetary citizenship, highlighting innovative pedagogical practices, interinstitutional projects, and youth protagonism. Drawing from international and national experiences, the article highlights the transformative potential of education in contexts of adversity. It ultimately proposes an expanded vision of the sustainable school as a territory of active hope, ethical reconstruction, and commitment to human dignity and care for our Common Home.

Keywords: peace education; sustainable schools; armed conflicts; integral ecology; community resilience.

¹ Biólogo, Pedagogo, Sociólogo, PhD Ciências Sociais, Docente PPG Mestrado Profissional Design, Tecnologia e Inovação, Centro Universitário Teresa D'Ávila – UNIFATEA, Lorena, SP, pssena@gmail.com.

² Pedagoga, PhD Educação. Vice-Reitora Centro Universitário Teresa D'Ávila UNIFATEA, Lorena, SP, ssoaresfma@salesianas.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Em um mundo onde conflitos e guerras continuam a afetar a vida de milhões de pessoas, a necessidade de construir ambientes de aprendizagem que promovam a paz, a resiliência e a conscientização se torna imperativa (Santos, 2021). Este artigo explora a concepção e implementação de escolas sustentáveis em contextos de conflito, destacando a importância da educação para a paz, da sustentabilidade ambiental e da inclusão. A educação, segundo a ONU (2015), desempenha um papel vital na promoção da paz e na mitigação dos efeitos negativos da guerra e dos conflitos (Hicks, 2020), e as escolas sustentáveis constituem uma via consistente, pertinente e transformadora para a concretização desses objetivos.

O propósito deste artigo é evidenciar a urgência e a potencialidade de implantação de escolas sustentáveis em territórios marcados por conflitos, examinando de que maneira essas instituições podem favorecer a construção da paz, o fortalecimento da resiliência e a ampliação da consciência coletiva mesmo em contextos de guerra.

Os contextos de guerra e conflito provocam efeitos profundamente desestabilizadores nas comunidades, afetando de modo particular crianças e jovens, cuja vulnerabilidade se intensifica diante da perda de estruturas familiares, do deslocamento forçado e da interrupção de seus percursos educacionais, o que legitima e reforça a urgência desta reflexão. A implementação de escolas sustentáveis em tais territórios garante o acesso à educação formal e se configura como uma estratégia de reconstrução simbólica e material das relações sociais, uma vez que incorpora a promoção da paz, da sustentabilidade ambiental e da inclusão social como caminhos consistentes para a regeneração comunitária (Nygard, 2017).

Inspirado na Pedagogia de Dom Bosco, o carisma salesiano considera a educação um instrumento privilegiado de promoção da paz e da justiça, especialmente em contextos de vulnerabilidade. A atuação dos Salesianos em zonas de conflito, como relatado no documento *Educar à paz num mundo de violência* (Salesianos, 2016), reforça que a escola deve ser espaço de acolhimento, diálogo intercultural e reconstrução da dignidade humana. Tais experiências mostram que uma pedagogia centrada no amor preventivo e no protagonismo juvenil pode mitigar os impactos dos conflitos e formar sujeitos comprometidos com a regeneração de suas comunidades.

Sob essa perspectiva, essas instituições podem funcionar como núcleos de resiliência social e cultural, articulando diferentes saberes e práticas que fortalecem o tecido comunitário mesmo em meio à instabilidade. Ao integrar valores como empatia, solidariedade e cuidado com a Casa Comum, tais experiências educativas contribuem para o desenvolvimento de uma

cidadania planetária, alinhada com os princípios da ecologia integral e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Essa abordagem é respaldada por iniciativas como o Programa de Educação para a Cidadania Planetária (Instituto Paulo Freire, 2009) e pelos fundamentos da ecopedagogia, conforme discutido por Gadotti (2000), que propõe uma educação comprometida com a ética planetária e a solidariedade entre os povos, o que dialoga com as propostas de um novo contrato social para a educação enunciadas pela UNESCO (2021). Assim, formar cidadãos críticos e sensíveis às realidades globais é uma resposta à crise e uma aposta ética na possibilidade de um futuro mais justo, equitativo e harmonioso para todas as gerações.

A proposta de escolas sustentáveis em contextos fragilizados ressoa com a *Carta da Educação Salesiana 2020-2025*, que indica como prioridade a educação integral pautada na ecologia integral e nos direitos humanos, afirmando que cuidar da vida em todas as suas formas é missão educativa imprescindível (Salesianos, 2020). Tal diretriz dialoga com a proposta de educação para a cidadania planetária, ao considerar o cuidado com a Casa Comum como parte da espiritualidade educativa e do compromisso pastoral salesiano. Assim, a sustentabilidade não se limita à dimensão ecológica propriamente dita, mas articula justiça social, ética relacional e promoção da paz.

Diante do cenário de instabilidade e destruição provocado por conflitos armados, o problema de pesquisa que orienta este artigo consiste na seguinte indagação: como conceber e implementar escolas sustentáveis em territórios afetados por guerras e violências estruturais, e qual é o impacto dessas experiências na promoção da paz, na resiliência comunitária e na formação de consciências críticas voltadas à justiça socioambiental? Essa questão mobiliza uma reflexão interdisciplinar, que reconhece o papel estratégico da educação como mediação simbólica e prática para a superação das múltiplas formas de opressão, exclusão e degradação da vida humana e ambiental.

O ‘Projeto educativo-pastoral Salesiano’ enfatiza a importância de ambientes escolares que favoreçam relações interpessoais saudáveis, espírito comunitário e cultura da solidariedade, especialmente em territórios marcados por traumas coletivos (Salesianos, 2002). Ao criar espaços de escuta, corresponsabilidade e resiliência, os educadores salesianos contribuem para formar consciências críticas capazes de enfrentar as causas estruturais da violência. Tal abordagem converge com os fundamentos da ecopedagogia, ao reconhecer a interdependência entre seres humanos e natureza, e reafirma o papel da educação como mediação ética diante das crises contemporâneas.

Dessa forma, a proposta de escolas sustentáveis transcende a infraestrutura verde ou da adoção de práticas pedagógicas pontuais: ela se inscreve como um projeto civilizatório enraizado na ecologia integral, que articula cuidado com o ambiente, compromisso com a equidade e reconstrução dos laços comunitários. Em tempos de guerra – declarada ou silenciosa, visível ou estrutural –, aqui se desafia a lançar luz sobre a potência transformadora da educação quando orientada por princípios éticos, emancipatórios e regenerativos. A esperança, aqui, não é uma utopia ingênua, mas uma força política que afirma a possibilidade de a vida florescer mesmo em meio à devastação. Essa reflexão ecoa debates contemporâneos sobre a inserção da experiência ecológica nos sistemas educativos, que, segundo Decamp e Jasienski (2022), ainda enfrenta resistências estruturais e epistemológicas ao propor uma vivência ambiental integral.

2 ESCOLAS SUSTENTÁVEIS COMO CATALISADORAS DA TRANSFORMAÇÃO EM TEMPOS DE CONFLITO

A implementação de escolas sustentáveis em contextos de conflito revela-se uma estratégia relevante para a reconstrução do tecido social e para o fortalecimento de culturas de paz. Tais iniciativas geram impactos significativos na promoção da resiliência comunitária e na superação de traumas coletivos, ao oferecerem ambientes de aprendizagem seguros, acolhedores e integrados às realidades locais (Manojlovic, 2017). Essas escolas garantem o acesso à educação formal em situações adversas e funcionam como espaços simbólicos de resistência e reconstrução ética das relações sociais.

Nessa condição, a integração de programas de educação para a paz e resolução de conflitos aos currículos escolares assume papel central. Mais do que transmitir conteúdos acadêmicos, essas práticas formativas fomentam competências socioemocionais como empatia, escuta ativa, comunicação não violenta e respeito à diversidade, elementos essenciais para a convivência pacífica e o entendimento mútuo (Askerov; Askerov, 2010). Ao desenvolver essas habilidades, os estudantes se tornam agentes de transformação, capazes de mediar tensões, promover o diálogo intercultural e contribuir com a reconstrução ética de suas comunidades, mesmo diante da adversidade e da fragmentação provocada pela violência.

Partindo desse horizonte de ação, a adoção de práticas de sustentabilidade ambiental, como a utilização de energias renováveis, o reaproveitamento de recursos e a gestão eficiente de resíduos, constitui uma dimensão indispensável das escolas sustentáveis em territórios

marcados por conflitos. Essas práticas contribuem para a redução do impacto ecológico imediato e atuam pedagogicamente ao evidenciar, por meio do exemplo concreto, a importância de proteger e regenerar os ecossistemas, mesmo em meio à instabilidade e destruição (Detraz, 2009).

Quando a educação incorpora valores ambientais em sua rotina diária – desde o uso consciente da água até a compostagem de resíduos – ela mobiliza um imaginário regenerativo, capaz de inspirar novas relações entre seres humanos, natureza e comunidade. Em contextos de guerra, essa mensagem simbólica e prática se torna ainda mais potente, pois reafirma a centralidade da vida, do cuidado e da interdependência ecológica como fundamentos para qualquer projeto de paz duradoura.

Sob a óptica da justiça social, a promoção da inclusão e da valorização da diversidade no ambiente escolar desempenha um papel decisivo na construção de comunidades mais equitativas e resilientes. Ao acolher múltiplas identidades – de gênero, étnicas, religiosas, culturais e socioeconômicas –, as escolas sustentáveis ampliam o repertório de pertencimento e ajudam a mitigar tensões sociais que frequentemente servem de estopim para conflitos, especialmente em territórios vulnerabilizados (Jagers; Rivas-Drake; Borowski, 2018).

Mais do que garantir igualdade formal de acesso, tais iniciativas educativas criam condições concretas para que todos os estudantes se sintam reconhecidos, respeitados e participantes do processo formativo. Essa valorização da diferença como riqueza fortalece o tecido relacional da comunidade escolar e promove uma cultura de convivência, cooperação e empatia – elementos fundamentais para consolidar a paz e a coesão social em contextos atravessados por adversidades. Assim, as escolas tornam-se espaços de transformação cultural e ética, contribuindo para uma educação verdadeiramente inclusiva, democrática e restauradora.

Considerando as limitações impostas pelos cenários de instabilidade, Sinclair (2001) destacou que o desenvolvimento de programas de ensino à distância em regiões afetadas por conflitos armados representa uma estratégia pedagógica fundamental para garantir a continuidade dos processos educativos. Mesmo diante de situações adversas, como deslocamentos forçados, insegurança territorial ou colapso das infraestruturas físicas, a escola – adaptada a formatos remotos ou híbridos – permanece como espaço de acesso ao conhecimento, proteção simbólica e fortalecimento de vínculos comunitários. Essa abordagem também é aplicável às escolas sustentáveis, cuja flexibilidade metodológica pode ampliar o alcance educacional e resguardar o direito à aprendizagem em contextos extremos.

Complementarmente, práticas educativas que envolvem a sensibilização, a defesa de direitos e a mobilização comunitária contribuem para que essas instituições atuem como polos de transformação social. Ao incorporar projetos que promovem a paz, os direitos humanos e a justiça socioambiental, as escolas se alinham aos princípios da Agenda 2030 (ONU, 2015) e consolidam-se como agentes ativos de mudança. Nessa perspectiva, fortalecem o compromisso da comunidade com uma cultura de paz e formam estudantes mais conscientes, críticos e engajados com as questões globais, capacitados a enfrentar os desafios de um mundo em crise com responsabilidade e solidariedade.

Esses desdobramentos evidenciam a relevância e o potencial transformador das escolas sustentáveis como instrumentos concretos de reconstrução social, capazes de promover a paz e fortalecer a resiliência coletiva em contextos marcados por conflitos persistentes. Ao aliarem compromisso ético, inovação pedagógica e sensibilidade socioambiental, essas experiências educativas se revelam como caminhos viáveis e promissores para a regeneração de comunidades afetadas pela violência e para a formação de uma cultura de convivência baseada na justiça, no cuidado e na solidariedade.

3 CURRÍCULO SUSTENTÁVEL EM TEMPOS DE GUERRAS E CONFLITOS

No enfrentamento das complexas crises contemporâneas, surge uma oportunidade concreta para incorporar a abordagem de Freire (2018), especialmente os fundamentos presentes em sua *Pedagogia da esperança*, como eixo estruturante de propostas curriculares focadas na transformação social. Ao centrar-se no diálogo, na conscientização crítica e na participação ativa dos sujeitos, Freire (2018) e Käfer e Kümmerle (2020) propuseram uma educação enraizada na realidade vivida dos educandos, capaz de promover a emancipação individual e coletiva por meio do engajamento com os desafios do mundo contemporâneo.

Inspirado por essa perspectiva, o currículo pode ser ressignificado como um espaço político-pedagógico que visa capacitar os estudantes para compreender, intervir e transformar suas realidades, promovendo a paz, a justiça e a sustentabilidade. A articulação entre conteúdos escolares e as dimensões sociais e ambientais da existência humana deve ser pensada de forma orgânica, contextualizada e coerente, permitindo abordagens integradoras e pedagogicamente consistentes com os princípios da ecologia integral. Tal integração, entretanto, desafia a rigidez dos currículos convencionais, como apontam Decamp e Jasienski (2022), ao evidenciar que a ecologia, quando reduzida a um conteúdo disciplinar, perde seu potencial transformador. Nesse

sentido, as ideias de Freire (2018), ratificadas por José e Moraes (2020), permanecem como alicerces vigorosos para a construção de práticas educativas comprometidas com um mundo mais justo, plural e solidário.

Uma escola verdadeiramente sustentável deve estruturar seu currículo em torno de eixos formativos que promovam a paz, a resiliência, a sustentabilidade ambiental e a inclusão social, princípios que devem ser preservados independentemente do contexto histórico ou geopolítico. Entretanto, diante de cenários marcados por guerras e conflitos, certos temas ganham maior relevância e devem ser intensificados como parte de uma proposta pedagógica engajada com a ecologia integral (Francisco, 2015) e com a pedagogia emancipadora proposta por Freire (2018). Com base nos pressupostos da educação crítica e da ecologia integral, delineiam-se os componentes curriculares que podem subsidiar a estruturação pedagógica de escolas sustentáveis em contextos marcados por adversidades sociais e ambientais (Francisco, 2015; Freire, 2018; Sachs, 2002).

a. Educação para a paz e resolução de conflitos – Deve ocupar posição central no currículo, abordando estratégias de prevenção de conflitos, mediação, resolução pacífica de disputas e promoção do diálogo e da tolerância como práticas cotidianas de convivência.

b. Sustentabilidade ambiental – Inclui o estudo crítico sobre a conservação dos recursos naturais, as mudanças climáticas, o uso de energias renováveis, a gestão de resíduos e a preservação da biodiversidade como parte da formação integral dos estudantes.

c. Inclusão e diversidade – Valoriza a equidade social por meio da abordagem de temas relacionados a gênero, etnia, religião, orientação sexual e deficiência, promovendo o respeito às diferenças e a construção de uma cultura escolar inclusiva.

d. Empatia e comunicação não violenta – Desenvolve competências socioemocionais fundamentais, como escuta ativa, respeito mútuo, cooperação e resolução construtiva de conflitos, essenciais para uma cultura de paz.

e. Cidadania global – Estimula a consciência crítica sobre questões globais como pobreza, desigualdade, migração e direitos humanos, ampliando o senso de responsabilidade ética dos estudantes como sujeitos planetários.

f. Educação ambiental – Complementa o campo da sustentabilidade ao aprofundar conhecimentos sobre ecossistemas, equilíbrio ecológico, práticas agrícolas sustentáveis e relações interdependentes entre seres humanos e natureza.

g. Desenvolvimento sustentável – Integra os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU ao currículo, com ênfase em temas como erradicação da pobreza, saúde e bem-estar, educação de qualidade, igualdade de gênero e ação climática.

h. Empreendedorismo social – Incentiva a criatividade e a inovação com vistas à resolução de problemas sociais e ambientais, promovendo o protagonismo juvenil e a construção de soluções transformadoras para a comunidade.

i. História e cultura da paz – Aborda experiências históricas e culturas que valorizam a não violência, por meio do estudo de movimentos pacifistas, líderes inspiradores e tradições orientadas à resolução ética dos conflitos.

j. Projetos interdisciplinares – Propõem metodologias integradas que combinam esses diferentes eixos, desafiando os estudantes a aplicar os conhecimentos adquiridos na resolução de problemas reais, de forma colaborativa e situada.

Nesse sentido, é possível estruturar um currículo orientado para a ecotransformação por meio de eixos temáticos que dialoguem com os princípios da ecologia integral, da justiça social e da cultura de paz. Tais componentes devem ser planejados de forma articulada, interdisciplinar e sensível ao contexto em que a escola está inserida, de modo a garantir a aprendizagem de conteúdo, o desenvolvimento integral dos sujeitos e sua atuação cidadã em realidades marcadas por conflitos e desigualdades.

Esses temas capacitam os estudantes com habilidades e conhecimentos essenciais para enfrentar os desafios do século XXI, ao mesmo tempo que os preparam para atuar como cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a construção de um mundo mais pacífico, sustentável e inclusivo. Ao integrar esses eixos no currículo de escolas sustentáveis, especialmente em contextos de adversidade e conflito, se promove uma educação orientada por valores ético-humanitários, que reconhece a complexidade das inter-relações entre sociedade, cultura, ambiente e espiritualidade.

Trata-se de um projeto educativo que transcende os limites da instrução técnica e cognitiva, engajando os sujeitos em processos formativos que visam à transformação da realidade. A educação, nesse sentido, torna-se um instrumento de libertação, regeneração e esperança – como propôs Freire (2018) – e encontra nas práticas ecotransformadoras um caminho possível para a construção de comunidades resilientes, solidárias e comprometidas com o cuidado da Casa Comum (Francisco, 2015). Portanto, se ratifica que a formação integral,

ancorada na justiça socioambiental é o alicerce de toda proposta curricular verdadeiramente sustentável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de escolas sustentáveis neste mundo marcado por conflitos armados, colapsos ambientais e desigualdades estruturais constitui um dos maiores desafios contemporâneos e, ao mesmo tempo, uma das mais urgentes e transformadoras oportunidades. Devem ser concebidas como espaços funcionais de ensino-aprendizagem em sua plenitude, alfabetização acadêmica e cidadã. Essas escolas devem ser entendidas como ecossistemas formativos integradores, capazes de articular cuidado, justiça e regeneração em contextos historicamente fragilizados. Elas se erguem como faróis de esperança ativa, como territórios de resistência ética e política, em que a educação se converte em uma prática libertadora e restauradora (Freire, 2018). Nessa direção, Decamp e Jasienski (2022) destacam a urgência de uma pedagogia ecológica experiencial, capaz de reconciliar o sensível e o cognitivo na formação humana, princípio que sustenta o ideal de escolas sustentáveis como territórios de reconexão com a vida.

Ao adotarem abordagens inter e transdisciplinares que integram educação para a paz, sustentabilidade ambiental, inclusão e consciência crítica, as escolas sustentáveis formam sujeitos capazes de lidar com os dilemas do presente e, simultaneamente, projetam futuros possíveis, moldando imaginários sociais orientados pela ecologia integral e pela dignidade humana. Nelas, valores como empatia, colaboração, diversidade e cuidado com a Casa Comum são vivenciados cotidianamente, gerando impactos que transcendem os muros escolares e se irradiam para a comunidade.

Ideias inovadoras podem ser incorporadas a esse modelo para torná-lo ainda mais significativo pedagogicamente diante das adversidades. Entre elas, destacam-se:

- a. Laboratórios de resiliência comunitária, com tecnologias sociais que tratam da segurança alimentar, energia limpa e gestão compartilhada da água;
- b. Educação híbrida territorializada, que combina formatos presenciais e remotos adaptados a contextos frágeis, com conectividade solidária e tutoria comunitária;
- c. Programas de mediação e justiça restaurativa nas escolas, com protagonismo juvenil e escuta ativa das vulnerabilidades locais;

- d. Parcerias interinstitucionais, que articulem universidades, redes internacionais, coletivos locais e organizações de fé para garantir o acompanhamento integral da experiência educacional.

Mais do que infraestrutura e material didático, o que caracteriza uma escola sustentável é a orientação de seu projeto pedagógico a partir de uma ética da vida. Essa concepção exige romper com modelos escolares excludentes, normativos e coloniais, dando lugar a práticas que acolham a diversidade epistêmica, o diálogo de saberes e a ancestralidade dos povos como fundamentos pedagógicos. Incorporar os saberes dos territórios, os direitos das populações originárias e tradicionais e a espiritualidade como dimensão formativa se torna, assim, um imperativo educativo e civilizacional.

Acrescenta-se a isso o reconhecimento do papel da espiritualidade na promoção da paz. A espiritualidade, compreendida como elo vital entre o humano, o outro e a Terra, fornece sentido, acolhimento e reconexão em contextos atravessados por perdas e traumas coletivos. Práticas como escuta ativa, contemplação, celebração e cuidado comunitário ganham pedagogia formativa, pois colaboram para o fortalecimento da interioridade, da compaixão e da esperança lúcida, elementos indispensáveis à reconstrução ética em tempos de guerra.

No mesmo compasso, a tecnologia deve ser concebida como instrumento ético a serviço da justiça socioambiental. Seu uso precisa estar orientado por valores de acessibilidade, solidariedade e respeito aos limites planetários. Tecnologias de baixo custo, de código aberto e com aplicação social direta podem apoiar desde o monitoramento de indicadores ambientais até a criação de redes de aprendizagem em comunidades isoladas. A formação escolar, nesse cenário, deve contemplar a capacidade de ler criticamente os impactos da técnica e de projetá-la como aliada da vida, e não da destruição.

Assim, a criação de escolas sustentáveis em zonas de conflito ultrapassa o campo educacional tradicional: representa um ato radical de fé na humanidade. Trata-se de manter viva a possibilidade de reconstruir o mundo a partir da educação, mesmo em meio à devastação. Transformar essas escolas em realidade, demanda um pacto global que una governos, comunidades, educadores e instituições em torno de um ideal comum: o da dignidade, da paz e da convivência harmônica entre os seres e com a Terra. Onde houver destruição, que floresça uma escola sustentável como semente de futuro.

REFERÊNCIAS

ASKEROV, A.; ASKEROV, A. Peace education and conflict resolution: a critical review. **Innovative Issues and Approaches in Social Sciences**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 5-35, 2010.

DECAMP, A.; JASIENSKI, M. L'expérience écologique est-elle soluble dans le système éducatif français?. **Forum**, Cairn/Cairn, p. 15-26. 2022.

DETRAZ, N. Environmental security and gender: necessary shifts in an evolving debate. **Security Studies**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 345–369, 2009.

FRANCISCO. **Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, M. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2000.

HICKS, D. **Education for peace**: what, why and how? Oxford Research Encyclopedia of Education, 2020.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Educação para a cidadania planetária**. Osasco: Instituto Paulo Freire, 2009.

JAGERS, R. J.; RIVAS-DRAKE, D.; BOROWSKI, T. Equity and social and emotional learning: a cultural analysis. **Educational Psychologist**, [s. l.], v. 53, n. 2, p. 162-184, 2018.

JOSÉ, D. D. O.; MORAES, M. C. M. Educação para tempos difíceis: pedagogia da esperança e justiça curricular. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [s. l.], v. 17, n. 49, p. 75–94, jan./abr. 2020.

KÄFER, F. S.; KÜMMERLE, R. Educação e ecologia integral: por uma práxis planetária. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 40, n. 110, p. 267–280, set./dez. 2020.

MANOJLOVIĆ, B. **Education for Sustainable Peace and Conflict Resilient Communities**. Springer, 2017.

NYGÅRD, H. M. **Achieving the sustainable development agenda**: The governance–conflict nexus. *International Area Studies Review*, v. 20, n. 1, p. 3-18, 2017.

ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo**: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SALESIANOS. **Educar à paz num mundo de violência**. Roma: Congregação Salesiana, 2016.

SALESIANOS. **Carta da Educação Salesiana 2020-2025**. Roma: Setor da Pastoral Juvenil Salesiana, 2020.

SALESIANOS. **Projeto educativo-pastoral Salesiano**. Roma: Congregação Salesiana, 2002.

SANTOS, B. S. **O futuro começa agora**: da pandemia à utopia. São Paulo: Boitempo, 2021.

SINCLAIR, M. Education in emergencies. *In*: **UNHCR. Learning for a future**: refugee education in developing countries. Geneva: UNHCR, 2001. p. 1-84.

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos**: um novo contrato social para a educação. Paris: UNESCO, 2021.